O Compositor em Cada um: Relatos sobre a Experiência de ensino do violão básico e da composição popular num âmbito não formal de ensino.

Júlio César de Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
juliolima79@gmail.com

Valéria Lázaro de Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN
vcarvalhodeart@msn.com

Comunicação

Resumo: Esse artigo trata sobre um relato de experiência sobre a oficina 'O compositor em cada um' que abrange em sua temática o ensino do violão básico e a composição popular. A oficina foi realizada num âmbito não formal de ensino no período de agosto a dezembro de 2016. O trabalho foi dividido em três etapas, onde os alunos participantes, não tinham experiências musicais, e foram aprendendo por meio da oficina, canções, elementos da música, percussões corporais, exercícios vocais e de improvisação, até a construção de uma composição coletiva apresentada como produto final numa mostra artística. O trabalho buscou discutir a importância do olhar do educador musical no que concerne a busca por atingir um processo de ensino aprendizagem musical que priorize mais a experiência musical para todos, e não somente a formação de apenas mais um instrumentista. Através dos resultados desse trabalho pôde se concluir que proporcionando ao aluno um maior contato com a sua criatividade através da composição e do aprendizado do violão de forma mais divertida, o discurso musical, torna-se mais interessante e apresenta-se como uma possibilidade no que se refere a um processo mais humano e democrático do ensino musical. O trabalho visa proporcionar aos alunos um maior protagonismo em seu aprender, fazendo-os experimentar um aprender como forma de transcendência humana, não apenas para a formação do músico, mas para a criação do verdadeiro Ser.

Palavras chave: Composição, Violão, Educação musical.

Introdução

Hoje,vivemos num mundo conectado e dotado de uma velocidade de informações antes nunca vista. Nas ultimas décadas, assistimos a verdadeiras revoluções no âmbito tecnológico, cultural, social, econômico,etc; revoluções que consequentemente afetaram também as pedagogias. Essa contemporaneidade exige ainda mais dos educadores, devido à demanda que

os alunos trazem para sala de aula e do que a sociedade espera de nós, educadores em geral. Com isso, surge uma necessidade ainda maior de repensarmos nossas práticas e nossos modos de ensinar. Porém, mesmo com tantas evoluções e modernidades, na área da educação musical e em geral, muitas vezes ainda somos forçados, em nosso processo de aprendizagem, somente a repetir conteúdos, sem realmente sermos estimulados a pensar, ou a criar. Com isso, enterramos nossa força criadora, e o homem, que é um ser criativo por natureza, vê perder-se o contato com sua força primária, criadora, ainda na infância e, quase nunca, é instigado ou instruído a se reconectar com ela.

No campo musical, aprender um instrumento muitas vezes é tido como algo inacessível, para que tem 'o dom' ou aptidão natural para tocar. Isso implica que, para se aprender um instrumento, necessita-se ter um dom e absorver técnica. Estudar horas e horas, praticando os mesmos exercícios da mesma forma, para se obter o êxito musical. Porém, com esse pensamento, os professores de música ainda privilegiam de forma eurocentrista os que querem ser concertistas ou instrumentistas virtuoses, ou músicos profissionais, e ignoram os seres humanos que querem apenas a alegria musical do tocar, de forma simples e prazerosa, uma canção no instrumento de sua preferência.

Baseado nas experiências que tive como compositor e professor de composição popular ao longo dos anos, pude observar que a composição, muitas vezes, é tida pelas pessoas como algo inacessível, e para poucos, que parecem recebê-la através de uma fonte inspiracional e macrocósmica. Assim sendo, nessa perspectiva, tanto aprender um instrumento como compor uma música tendem a manter distância do próprio elemento humano que os concebeu, ficando apenas banhados na tez do sonho.

Nessa perspectiva, esse trabalho tem como objetivo descrever um relato de experiência sobre uma oficina de violão básico e composição popular coletiva 'O compositor em cada um' ministrada num espaço não formal, no espaço TECESOL(Território de Educação Cultura e economia Solidaria) no período de agosto a dezembro de 2016. A turma participante desse projeto foi constituída por 13 alunos com faixas etárias variadas que iam de 18 a 42 anos, contemplados com uma aula semanal com duração de 120 minutos.

A vivência desse trabalho vem demonstrando que essa oficina proporciona o contato com a criatividade de uma forma mais divertida aos alunos, assim como, a composição e o discurso musical, podendo assim, apresentar-se como uma possibilidade no que se refere a um processo mais humano e democrático do ensino da música.

O que nos impede de compor?

Compor, para muitos, é tido como algo verdadeiramente mágico, que só pode ser feito por meio de iluminação, inspiração, ou ser realizada por uma pessoa tida, como fora do comum. Esse conceito, por si só, já é limitador, e acaba impondo os mesmos grilhões excludentes da visão eurocêntrica da música que permeou o ensino e aprendizagem musical até o inicio do sec XX.

Seguindo um conceito mais acessível sobre composição musical, Cavalieri e Swanwick argumentam que:

> Composição musical acontece sempre que se organizam ideias musicais elaborando-se uma peça, seja uma improvisação feita por uma criança ao xilofone com total liberdade e espontaneidade ou uma obra concebida dentro de regras e princípios estilísticos (CAVALIERI; SWANWICK, 2002, p. 9).

Nesse sentido, compor é uma forma de expressão humana, que parte do âmago do Ser. Algo que é inerente a nós, assim como a própria música. Portanto, sendo a composição algo próprio do humano, então o que nos impediria de compor, de improvisar? Nachmanovitch (1993) afirma que:

> Como é que alguém aprende a improvisar? a única resposta possível é uma outra pergunta: o que nos impede? a criação espontânea nasce de nosso ser mais profundo e é imaculadamente e originalmente nós. o que temos de expressar já existe em nós, é nós,de forma que trabalhar a criatividade não é uma questão de fazer surgir o material, mas de desbloquear os obstáculos que impedem seu fluxo natural. (NACHMANOVITCH,1993,p. 21).

Dessa forma, temos de trabalhar a composição não numa perspectiva de ensina-la, mas de convida-la a se exprimir. Sendo a composição, uma das viabilizadoras do processo criativo e possibilitadora da alegria do criar, torna-se uma ferramenta muito útil no ensino da música pois, antes de apenas reproduzir canções, o aluno ao criar suas composições, mesmo numa forma

coletiva, pode experimentar elementos como a autoestima, a socialização e o protagonismo no seu próprio processo de ensino- aprendizagem.

Por meio essa proposta de oficina, contempla-se uma das dimensões da música na escolarização que, segundo Bellochio com sustentação em Paulo Freire, é "a humanização crítica dos sujeitos escolares". (BELLOCHIO, 2001, p. 46). Para Fernandes (2004) "os valores da educação musical estão contidos no valor da própria música". A finalidade da educação musical seria então "o desenvolvimento da consciência e da sensibilidade estética". (FERNANDES, 2004,p. 83)

Sendo assim, a composição tem um papel relevante no desenvolvimento do ser humano, pois da mesma forma que pintar um quadro ou tirar uma fotografia, a composição nos permite fazer um retrato sonoro dos nosso dias, do nosso tempo, de nossas histórias, agindo como verdadeiros repórteres de nossa época através das lentes musicais.

Contextualizacao do espaço e descrição das atividades realizadas.

O TECESOL(Território de Educação, Cultura e Economia Solidária) é um espaço informal, multiverso e pluralizado no que concerne ao ensino da arte. Fica localizado em NATAL/RN, no conjunto Pirangi, terceira etapa, no bairro de Neópolis . No espaço, funciona o ponto de cultura Rebuliço aprovado pelo edital do MINC de 2009, e que é gerido pelo grupo de teatro Facetas,Mutretas e Outras histórias. O ponto de cultura mantinha oficinas gratuitas de teatro, música e dança contemporânea desde seu fundamento, porém, com o fim das verbas do governo, passou a cobrar uma taxa simbólica para realização e manutenção das mesmas. O local onde ocorrem as aulas é considerado como um espaço não formal de ensino. Segundo os estudos de Wille,

> A educação não-formal seria aquelas atividades que possuem caráter de intencionalidade, mas pouco estruturadas e sistematizadas, onde ocorrem relações pedagógicas, mas que não estão formalizadas. (WILLE,2005,p. 41).

Mesmo tendo várias turmas e experienciações anteriores, vou me deter apenas a análise da última turma da oficina iniciada em agosto de 2016, que apresentou seu resultado em

dezembro do mesmo ano. Nessa turma se inscreveram 13 alunos, mas apenas 10 iniciaram as aulas e 07 concluíram o curso, que durou 4 meses com um encontro semanal com aulas de 120 minutos de duração. A oficina foi dividida em 02 meses para experienciações musicais e composicionais, 01 mês para ensaios e, no último mês, ensaios gerais e apresentações da composição e do resultado final da oficina na mostra do Ponto de Cultura.

Primeiro mês: Impressões musicais dos alunos e primeiros acordes e canções

Nossa 1ª aula, foi mais um bate papo, onde pude observar e saber mais sobre cada um, sua história de vida, o que entendiam por música e porque o interesse em aprender violão. No inicio da aula, pedi também para que eles escrevessem uma frase sobre como havia sido seu dia ou o que mais quisessem escrever.

No quesito sobre o que era música, as respostas foram as mais variadas: 'é som' 'São as notas' 'é o lá lá lá', entre outras. Então apresentei a eles o conceito de Schafer (1991, p.35) onde se lê: "[…] Música é uma organização de sons (ritmo, melodia etc.) com a intenção de ser ouvida". A partir daí foram dados vários exemplos, como bater numa mesa criando ritmos, improvisando algumas melodias, entre outros elementos. Depois discutimos, se isso era música. Ao final do processo, ficou claro para todos que o som com intenção de ser ouvido, era música.

Já no quesito de porque aprender violão, as respostas foram ainda mais variadas : 'quero tocar pra mim', ' quero tocar pra minha esposa', ' quero usar nas minhas aulas', ' é o meu sonho'. Portanto, em seus discursos, os alunos demonstraram uma necessidade natural do ser humano em fazer e vivenciar arte, explicitada aqui, através da vontade de participar da experiência musical por meio do violão.

Do meio para o final da aula, falei sobre o posicionamento correto de tocar o violão, anotei o nome das cordas, falei sobre as casas e disse que trabalharia a parte técnica do instrumento através de canções que aumentariam a sua dificuldade à medida em que fossemos evoluindo. Em seguida ensinei os acordes da canção 'Pra não dizer que não falei das flores' de Geraldo Vandré que são apenas dois tons: Lá menor e Sol Maior, e apesar dessa canção ser uma Guarânia, portanto em 6/8, a dividi em compasso de 3/4 para uma maior facilitação de

aprendizagem nesse primeiro momento. A Partir de então, no quadro escrevi uma pequena noção de cifra que eles compreenderam de imediato, desenhando o braço com as casas e os dedos. Em seguida, coloquei os dedos de cada um no braço do violão nas respectivas casas fazendo a contagem para a mudança lentamente, de forma que, ao final da aula, estavam conseguindo tocar os acordes de forma satisfatória. O ritmo ditei com a boca, batendo ao mesmo tempo com a mão direita no violão e pedindo para fazerem o mesmo até sentirem a pulsação. Feito isso, mostrei que os mesmos acordes eram também os da música do grupo Skank 'Acima do sol' só que num ritmo diferente, já que a música de Vandré na oficina foi transformada num compasso ternário 3/4 e a do Skank, naturalmente, era um compasso quaternário 4/4.

Finalizei a primeira aula falando sobre composição e que eles teriam que apresentar em dezembro uma composição coletiva. Obviamente, se assustaram mas me viram musicalizar as frases que tinham escrito no inicio da aula. Improvisei várias vezes, em diferentes ritmos, estilos e velocidades. Isso os fez conhecer um pouco o processo composicional que iríamos vivenciar ao longo das aulas.

Nos três outros encontros seguintes do primeiro mês fomos incorporando músicas de 2,3,4,5 e 6 acordes, até dominarem os acordes de 1ª posição e terem as noções de ritmos e batidas da mão direita, tanto no ouvido, como vendo notações extra formais que eu ia colocando no quadro. Trabalhamos com sucesso músicas como 'Comida' dos Titãs, 'Vapor barato' 'Pescador de ilusões' e 'Rodo Cotidiano' do Rappa, 'Love me do' e 'Let it be' dos Beatles, etc. Mas, isso não era ao acaso. Comecei sugerindo sons na primeira aula, mas após isso, os alunos é que traziam as sugestões do que queriam aprender, tendo essa perspectiva de ensino sustentação nas idéias de Brito (2011) quando cita que […] "o professor deve ensinar aquilo que o aluno quer saber" (KOELLREUTER apud BRITO, 2011,p. 33) sem claro, dispensar de nenhuma forma a técnica, mas usando-a de uma forma criativa na tentativa de tentar transcendê-la, como completa Nachmanovich: "Para fazer qualquer coisa com arte é preciso adquirir técnica, mas criamos por meio de nossa técnica, e não com ela" (NACHMANOVITCH,1993, p. 30). Através dessas canções, elucidou-se maneiras de fazer e praticar as mudanças dos acordes, como também trabalhar os ritmos de uma forma mais acessível. O estudar de forma criativa e prazerosa, respeitando a velocidade do aprendizado de cada, é uma das características dessa oficina.

Segundo mês: Nós somos o instrumento

Continuamos nos dois primeiros encontros do segundo mês, a trabalhar mais músicas, até vencermos os acordes de primeira posição do violão e entrarmos no que é considerado uma vilã e um dos maiores terrores no aprendizado violonístico: a pestana.

A pestana é o processo em que os alunos sentem mais dificuldade, porém, comecei trabalhando a música 'Zóio de Lula', um reggae da banda brasileira Charlie Brown Jr. Sugeri essa música por ter apenas duas pestanas, ou seja, dois acordes menores sobrepostos que são o C#m e G#m. Após esse primeiro contato mostrei semelhanças nas formas de digitação dos acordes, mostrando que o acorde menor apoiando o baixo na corda lá (A) é a mesma fôrma no Maior, quando você apoia a pestana na corda Mi (E). Isso ajudou muito na visualização, aprendizagem e absorção dos acordes, porém alguns alunos demonstraram maior dificuldade, que fomos sanando com paciência e perseverança, e claro, treino em casa.

Já iniciados nas pestanas nos dois últimos encontros do segundo mês partimos para aulas sobre Beat box e percussão corporal, onde puderam perceber e ter a experiência que a música não está no instrumento musical, e que antes disso temos de nos compreender também como um instrumento musical. Para treinar o Beat box utilizei o som do 'b' como bumbo da bateria, o som do 'ch', como cymbal, o som do 'pf' como caixa, e do 'tsss' como prato. A bateria estava completa. Antes do Beat box já havia escrito no quadro a semínima que eu chamei de "pá", a colcheia que eu chamei de "Pa-to" a Tercina que chamei de Pi-po-ca, e a semi colcheia que chamei de Cho-co-la-te. A parti daí, dividi dois grupos de 4 e escrevi a primeira partitura rítmica e de beat box para os dois grupos. Depois, um dos alunos ia ao quadro e desafiava a turma inventando uma nova forma rítmica de Beat box pra ler. Na percussão corporal, tínhamos de usar nas figuras rítmicas os pés, palmas, estalar os dedos e ao mesmo tempo fazer o Beat box. Quem escrevia, colocava as indicações do que teria de ser usado na percussão corporal. Esses exercícios ocasionaram momentos de muito riso, diversão, mas também de aprendizado, onde muitas vezes os alunos pareciam de novo crianças, corroborando com a ideía de que " A plena

criatividade artística ocorre quando, por meio do talento e da técnica, o adulto é capaz de entrar em contato com a clara e inesgotável fonte de prazer da criança que existe dentro dele" (NACHMANOVITCH,1993, p. 54).

Terceiro mês: O compositor em cada um

No inicio do terceiro mês era hora de apresentar aos alunos o repertório que iríamos executar na apresentação da mostra artística. Uma das canções, seria um arranjo, que readaptamos para violões, da música "Linda Baby" que é considerada o segundo hino da cidade do Natal, do compositor e Artista Potiguar "Pedro Mendes" o qual,decidimos que queríamos homenagear, pela sua vasta história na cidade.

A partir daí, começamos a trabalhar os arranjos por partes. Ao longo desses meses dois alunos se destacaram e assumiriam as partes principais nos arranjos. O primeiro vou chamar de "Ricardo" que possuía um amplo desenvolvimento técnico no violão e o segundo vou chamar de Maria, executava bem seu violão, porém tinha no canto sua força maior.

Organizei a orquestra em três naipes: o primeiro, denominei de naipe spala, com Ricardo (execução) e Maria (canto) à frente; o segundo, um naipe formado por três alunos que tanto dedilhavam quanto tocavam as pestanas. O terceiro naipe fez a base propriamente dita, com quem ou tinha muita vergonha, ou possuía maior dificuldade de execução. Claro que isso foi uma escolha pessoal deles próprios, sem minha interferência. Assim, fiz um arranjo onde todos teriam sua importância e sua participação assegurada dentro de seus limites, mas tocando todos juntos, já que nessa oficina o maior objetivo foi a socialização através da música. Isso encontra força nas idéias de Arroyo (2002) que diz que : "[…] a abordagem sociocultural da Educação musical se assenta sobre as idéias do relativismo cultural e de sobre a ideia das músicas como construções socioculturais" portanto, a idéia é que através da música, o humano se encontre consigo mesmo e com os outros sua volta.Também lemos em Nachmanovitch (1993, p. 169), que "Os obstáculos á liberdade, a uma vida comunitária e á criatividade devem ser absorvidos e transcendidos na total humanização do indivíduo." (NACHMANOVITCH,1993,p. 169). Após o primeiro ensaio do

primeiro encontro do 3º mês, íamos finalmente compor. Eu já havia instigado nos exercícios vocais, pequenas improvisações em que os alunos faziam com a boca, enquanto tocavam os compassos binário, ternário e quaternário no tatame da sala que trabalhávamos o corpo. Eles reproduziam alguns intervalos vocais estudados, mas agora, precisávamos de uma composição e tínhamos um mês até a apresentação. Em primeiro lugar, disse a eles que deveríamos escolher um tema por votação, pois o tema da composição era a primeira coisa que deveríamos escolher democraticamente. Começou-se então um debate, e devido ao atual momento político vivido no País, o tema escolhido por eles foi: 'Revolução pela Arte'. Com isso, pedi que escrevessem frases que tivessem a ver com o tema e após, selecionaríamos as melhores num grande mosaico composicional, que se tornaria a letra da canção. O trabalho foi árduo mas, acreditando no pressuposto de Nachmanovitch (1993,p. 164), de que "a inspiração criativa não é privilégio de pessoas especiais", fiquei maravilhado a cada frase que via surgir. Frases coesas, que expressavam um inconsciente coletivo sobre o que o país vivia naquele momento e, depois de muito debate a respeito de quais frases seriam as selecionadas, as colocamos em ordem e assim, estava feita a nossa letra. Faltava agora por a melodia. A música propriamente dita.

Escolhemos o acordes de Lá menor, Dó maior, Sol e Ré maior, todos, na primeira posição. Optamos em seguida, por uma batida no compasso quaternário, dentro do que seria um ritmo de rock pop. O próximo passo foi achar a melodia. Fui tocando sozinho os quatro acordes e pedi para que eles fossem cantarolando em cima dos versos da letra, até que achamos uma proposta bastante interessante e fomos até o que seria um subrefrão, todos participando do processo, apesar de que, nessa hora da melodia eu ia ajudando um pouco mais, lapidando as idéias e evitando a dispersão ou bifurcação do caminho melódico. Problemas foram surgindo mas, pelo próprio grupo, iam sendo resolvidos. Foi sugerido por um deles um Rap. Imediatamente comecei a tocar os acordes e a rapear em cima,cantando o que estava escrito de forma métrica como um Rap, ao que todos concordaram e conseguimos fechar com o refrão 'não me cale, eu sou arte' . E a composição Revoluções pela Arte, estava pronta.

Nos últimos encontros que antecederam a apresentação, ensaiamos as duas músicas que iriamos apresentar: Linda Baby de Pedro Mendes e Revoluções pela Arte, nossa composição. Totalizamos quatro ensaios, onde agregamos um contrabaixo e uma bateria

executados por amigos que convidei para somarem à apresentação. Surgiu a necessidade de fazermos algumas mudanças na execução da forma das músicas.

Quarto mês: Apresentação

Após ensaiarmos as duas primeiras semanas do mês de dezembro, chegou o dia da culminância do projeto, ou seja, a apresentação pública do trabalho desenvolvido na Oficina. Todos estavam em seus lugares: o naipe de solo, o naipe de dedilhado e pestanas, os da base juntos da bateria e baixo posicionados em semi-círculo. Falei um pouco sobre os caminhos da educação musical nos dias de hoje, e que o objetivo da oficina, não era apenas de aprender a tocar um instrumento, mas sim, o de demonstrar que o mais importante era o processo vivido, da socialização da música, da alegria musical, de que todo homem é música, e de que todos nós podemos pintar um quadro, dançar, representar, ou compor uma música.

Iniciamos com Linda baby. A bateria e o baixo davam uma base sólida, e isso ajudou muito. Eles ficaram menos nervosos, já que na platéia estavam amigos, pais,esposas,maridos, filhos, e desconhecidos, todos entusiasmados vendo e aplaudindo a apresentação. Em seguida, chamei a atenção para a execução da música composta por eles 'Revoluções pela arte' . Ricardo foi puxando o arranjo num crescente até que todos entraram e foi uma apresentação linda que deixou, a todos, muito emocionados. Havíamos concluído nosso trabalho. A apresentação aconteceu no XXXXXXX, no dia 16 de Dezembro as dezenove horas dentro da mostra do ponto de CulturaXXXXXXXX, no Conjunto XXXXXXX, terceira etapa do bairro de XXXXXXXX, em XXXXX /XX.

Considerações finais

Cada aluno é único. Um universo particular, no qual, o professor deve perceber os múltiplos fatores que o envolvem para que se possa obter não só o máximo de eficácia no processo de ensino-aprendizagem, mas também, propiciar a criatividade. Entendendo também,

que cada aluno possui uma velocidade de aprendizado e que, suas vivências , seu contexto social, seus gostos, tudo isso precisar ser contextualizado no percurso da aprendizagem. Corroborando com a idéia de SILVA(2008) que diz que,

> É neste sentido que considerarmos o prazer como premissa em nossas aulas. O prazer em construir o conhecimento; o prazer em estarmos mais sensíveis para perceber o processo de aprendizagem de cada aluno, buscando e criando novas formas para que cada um perceba e compreenda o significado do que nos propomos ensinar. Existe emoção em ensinar e aprender". (SILVA, 2008, P. 102)

e ainda,

> Somos também, professores jardineiros, com o pensamento cheio de sonhos, semeando esperanças de uma educação musical significativa, em que o conhecimento musical esteja acoplado ao processo de viver. (SILVA, 2008, P. 120)

Esse trabalho buscou relatar estratégias de ensino de violão básico e composição popular, vivenciadas num âmbito não formal de ensino, contribuindo para que outros professores de música possam também se conscientizar de que é possível trabalhar a composição e a criatividade de forma prazeirosa, sem desprezar a técnica, nem os conceitos musicais, porém, vestindo-os de alegria e divertimento.

Através dos resultados obtidos pode-se concluir que proporcionando ao aluno um maior contato com a sua criatividade através da composição e do aprendizado do violão de forma mais divertida, o discurso musical tornasse mais interessante e apresenta-se como uma possibilidade no que se refere a um processo mais humano e democrático do ensino musical.

Referências

ARROYO, Margarete. Educação Musical na Contemporaneidade. Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, 2. Goiânia, In: Anais do Seminário Nacional de Pesquisa em Musica da UFG, Goiânia, 2002.

BELLOCHIO, C. R. Educação Musical: olhando e construindo na formação e ação de professores. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 6, p. 41-47, 2001.

BRITO,Teca Alecar de. Koellreuter educador: o humano como objetivo da educação musical/Teca Alencar de Brito-2 ed.- São Paulo: Peireirópolis, 2011.

FERNANDES, J. N. Normatização, estrutura e organização do ensino da música nas escolas de educação básica do Brasil: LDBEN/96, PCN e currículos oficiais em questão. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 10, p. 75-87, mar. 2004.

NACHMANOVITCH,Stephen. Ser criativo- o poder da improvisação na vida e na arte/ Stephen Nachmanovitch; [tradução de Eliana rocha]. — São Paulo: Summus, 1993

SILVA, Valéria Carvalho da. Corporeidade e educação: sinfonia de saberes na educação musical / Valéria Carvalho da Silva. – Natal: UFRN, 2008.

SWANWICK, Keith. Música, mente e educação. Tradução de Marcell Silva Steuernagel. Belo Horizonte: Autêntica, 2014._____. Ensinando música musicalmente. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

SANTOS,Turíbio. Segredos do violão: Secret of guitar/secrets de la guitare. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumiar ed, 1992.

WILLE, Regiana Blank. Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 13, 39-48, set. 2005.